

Todavia não foi entre êles, foi na India que parece ter nascido a ideia de fixar os sons pela escrita. Os hindús designavam as notas da escala por caracteres sânscritos e teriam conhecido também sinais de duração; mas a interpretação dêsses sinais é por tal forma vaga que é místico limitarmos-nos a verificar que existiu um sistema de que os habitantes actuais da India nada conservaram, nem sequer a lembrança.

Os persas que chamavam à música a *ciência dos círculos*, tinham imaginado uma espécie de pauta com nove linhas, cada qual com sua côr, em que não pode deixar de reconhecer-se uma certa analogia com a nossa pauta moderna que, no entanto, não deriva dela.

Já 2.700 anos a. C. os chineses representavam os sons da sua escala, que parece infinitamente mais complexa do que é realmente, por sinais ideográficos do mesmo aspecto que os da sua escrita e de que ainda hoje se servem.

Os japoneses, os conchinchinos e os anamitas tiveram sistemas do mesmo género, que progressivamente vão abandonando sob a influência da civilização europeia.

Voltando aos gregos, é absolutamente certo que, numa época anterior a Pitágoras, empregavam já, para designar os sons musicais, letras do alfabeto e conhecem-se, mais ou menos, os sinais por que representavam, com uma precisão relativa, os valores e os silêncios que eram, como entre nós, binários ou ternários, enquanto a China e o Japão nunca conheceram senão a divisão binária.

Imitando os gregos, os romanos adoptaram de início, para escrever a música, as quinze primeiras letras do seu alfabeto. Na sua origem, a música latina não podia, de resto, diferir sensivelmente da dos gregos, de que directamente derivava; a mesma escala, o mesmo emprêgo da lira, da cítara, dos instrumentos de percussão, sobretudo depois da conquista da Grécia. A flauta e a trombeta estavam sobretudo em favor, o que não impedia Nero, e antes d'êle, outros imperadores, de cantar acompanhados pela lira etrusca.

Dois instrumentos novos, bem diferentes nos seus destinos como pelo character, mas provenientes do mesmo princípio, datam dessa época: a cornamusa e órgão. A primeira conservou-se o instrumento popular da Escócia, da Bretanha, da Itália, sob nomes diversos; quanto ao órgão, segundo os *medalhões contorniates* (1) conservados na Biblioteca Nacional \* e em diversos outros museus, possuía já uma dezena de canudos. Depois cresceu singularmente; mas o embrião está aí. *Ctesibius* (145 a. C.) parece ter sido o seu inventor; todavia talvez tivesse sido grega a sua primitiva ideia.

(1) Medalhas de bronze contornadas por uma ranhura bastante profunda, o que lhes dá um aspecto característico. Não serviam de moeda e parece terem tido por fim a consagração ou comemoração de certos factos históricos.

\* Da França. — N. do T.

A L B E R T L A V I G N A C

